

O CONCEITO DE INFINITO NA FILOSOFIA DA MENTE

Pedro Henrique Biazotto Venturini (PIBIC/CNPq/FA/Uem, e-mail: pedro.venturini99@gmail.com, Patrícia Coradim Sita (Orientadora), e-mail: pcsita@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

Área: 70100004 – Filosofia; Subárea: 70101000 - História da Filosofia

Palavras-chave: filosofia, infinito, mente.

Resumo:

A presente pesquisa objetiva analisar como o conceito de infinito é trabalhado nas mais diversas áreas da filosofia da mente. Para tanto, foi feito um levantamento das principais teorias desse campo do saber, com início no dualismo cartesiano. A fim de organizar o estudo do conceito propriamente dito, as propostas dos diferentes autores foram divididas entre modernas e contemporâneas. A partir disso, notou-se uma diferença entre os estudiosos desses diferentes contextos na forma de lidar com a ideia de algo sem fim. Por último, após a organização das mais diversas teses sobre o infinito na filosofia da mente, esclarecemos como esse estudo pode ajudar em uma melhor compreensão dos fenômenos mentais.

Introdução

A mente humana é estudada por filósofos desde a antiguidade. Uma das teorias mais importantes no estudo da filosofia da mente é o dualismo cartesiano, o qual será nosso ponto de partida. Segundo Descartes (2008), mente e corpo são substâncias diferentes, mas que interagem entre si.

A concepção dualista de René Descartes gerou uma polêmica: como substâncias tão diferentes, uma pertencente ao mundo mental e outra ao mundo físico, podem manter uma relação? Mais adiante, como uma pode influenciar a outra? As respostas a essas perguntas foram base para novas teorias no campo da filosofia da mente.

De acordo com alguns filósofos, a divisão mente-corpo cartesiana é adequada, mas deve ser ajustada a fim de responder às questões supracitadas. Dentre os que tentaram resolver o problema mente-corpo, fonte originária da concepção dualista, estão Gottfried W. Leibniz, Nicolas Malebranche, George Berkeley, Thomas H. Huxley e Edward J. Lowe. Já outros estudiosos adotam uma abordagem monista, isto é, consideram verdadeira somente um tipo de substância, seja ela a mental ou a corporal.

Dentre eles, destacamos a presença de Gilbert Ryle e J. J. C. Smart, por exemplo.

Com o advento das neurociências, outros pesquisadores buscaram relacionar a mente a algo biológico. As teorias que relacionavam o mental ao físico, às vezes até reduzindo um a outro, começaram a ganhar destaque. Autores como Donald Davidson, Daniel Dennett, J. J. C. Smart, Paul Churchland, Patricia Churchland, John Searle e Jaegwon Kim se sobressaem em abordagens desse tipo.

O avanço tecnológico também fez surgir outra relação possível no estudo dos fenômenos mentais, a saber, entre máquinas e mentes. A invenção dos computadores, mais especificamente a hipotética Máquina de Turing, fez alguns filósofos avaliarem se esses objetos teriam capacidade de pensar, por exemplo. A ligação mente-máquina aparece principalmente nos trabalhos de Ned Block e Jerry Fodor.

Com todas essas teorias em mãos, foi possível estudar onde e como o conceito de infinito é usado por cada uma, a fim de possibilitar um exame cada vez mais preciso da mente humana.

Materiais e métodos

A principal referência para o estudo introdutório das mais diversas teorias no campo da filosofia da mente foi o livro do historiador da filosofia John Heil, “Filosofia da Mente: uma introdução contemporânea”. Além de fornecer os principais argumentos de cada autor, Heil (1998) apresenta uma extensa bibliografia contendo as principais obras de cada um. Outro livro importante foi “Uma Introdução à Filosofia da Mente”, de André Leclerc (2008).

A partir das referências citadas por John Heil, analisamos os principais escritos de cada proponente de teorias no campo da filosofia da mente, procurando pelo conceito de infinito. Em cada livro ou artigo, investigamos como essa ideia de algo sem fim se relacionava com a explicação da teoria do filósofo estudado naquele momento.

Ademais, a partir de obras de matemáticos e físicos, examinamos como as ideias da filosofia da mente se relacionam com essas outras áreas do saber.

Resultados e Discussão

Os autores modernos estudados (Descartes, Leibniz, Malebranche e Berkeley) relacionam o infinito, principalmente, a um ser superior, representado pela figura de Deus. Ele, para os quatro filósofos, é infinito.

Outro ponto em comum para os quatro autores é a finitude do espírito humano. De acordo com eles, o infinito é incompreensível para um ser finito. No entanto, a ideia de um Deus infinito está presente no espírito de um ser limitado. Descartes (op. cit.) afirma que esse algo sem fim é concebível, porém incompreensível. Malebranche (1842) chega a uma conclusão semelhante. Para Leibniz (2000), os atributos infinitos de Deus são imitados

pelo ser humano, mas encerrados pela receptividade limitada da criatura. Berkeley (1999), por fim, argumenta que, como não se pode perceber o infinito nos corpos, por exemplo, ele não pode ser possível.

Já na idade contemporânea, o infinito não é tão discutido como na idade moderna. Poucos autores relacionam o conceito com suas explicações para a mente humana. Edward J. Lowe (2009), defensor do dualismo não-cartesiano, cita ideias do próprio Descartes e afirma que não temos uma vontade sem limites como Deus. Charlie D. Broad (1925), um dos autores que escreve sobre o Epifenomenismo, acredita que uma mente infinita não envolve contradição aparente, mas necessita de fortes motivos para ser aceita.

Na contemporaneidade, o conceito aparece principalmente na relação entre mentes e máquinas, sobretudo no paralelo feito com a Máquina de Turing. Esse aparelho tem certas características, por exemplo, infinitos locais de memória, porém um número finito de estados de máquina. O criador desse equipamento hipotético, Alan Turing, acredita que a maquinaria poderia imitar o homem naquilo que realmente importa, a capacidade de resolver problemas e computar funções (TURING, 1948). Jerry Fodor e Ned Block, funcionalistas, discordam. Segundo eles, o pensamento humano tem uma característica chamada produtividade. Resumidamente, ele pode percorrer infinitas ideias, porém é limitado pelas características humanas como atenção, memória e tempo de vida (RESCORLA, 2020). Como é potencialmente infinito, o pensamento não pode se relacionar diretamente com a Máquina de Turing, que, por sua vez, possui finitos estados possíveis. Mais adiante, Fodor fornece uma solução para esse problema em sua Teoria Representacional da Mente.

Outrossim, autores como Ryle (2009), Searle (2006) e Kim (2010) analisam proposições e argumentos que podem cair em um regresso infinito, isto é, que podem ter um primeiro membro da série, mas não um último. Cada elemento da proposição ou do argumento leva a um anterior e assim sucessivamente. Desta forma, a ideia acaba sendo invalidada. Searle (op. cit) ainda destaca que a consciência tem um número limitado de modalidades.

Conclusões

O conceito de infinito aparece principalmente nas teorias dos filósofos modernos. Na filosofia contemporânea, a ideia é pouco citada em relação direta com a mente. Parece que o infinito foi colocado de lado no estudo da mente humana, o qual, com o avanço das neurociências, procura trabalhar com elementos mais palpáveis e compreensíveis. Como não dispunham das tecnologias presentes hoje em dia, os modernos necessitavam de conceitos tão abstratos quanto o estudado nessa pesquisa. Além disso, outras áreas do saber como a matemática e a física parecem ter retomado as discussões sobre o infinito a partir da teoria moderna dos conjuntos e da mecânica quântica. A filosofia da mente, por sua vez, se distancia cada vez mais das investigações sobre o que é ilimitado.

Agradecimentos

Meu principal agradecimento vai para as duas mulheres que sempre me incentivaram e apoiaram no mundo acadêmico: minha mãe e ex-professora de história antiga Prof^a. Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini e minha orientadora Prof^a. Dra. Patrícia Coradim Sita. Aproveitando o tema da pesquisa, minha gratidão a vocês duas é infinita. Além delas, agradeço a meu amigo e professor Dr. Pedro Falcão Prikladnitzky, o qual me ajudou muito durante a pesquisa. Por fim, sou grato à Fundação Araucária que financiou meu trabalho, mostrando ser uma instituição que acredita na ciência e na educação.

Referências

BERKELEY, George. **Principios del Conocimiento Humano**. Barcelona: Folio, 1999.

BROAD, Charlie D. **The Mind and its Place in Nature**. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., LTD, 1925.

DESCARTES, René. **Meditations on First Philosophy**. Nova York: Oxford University Press, 2008.

HEIL, John. **Filosofia da Mente: uma introdução contemporânea**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

KIM, Jaegwon. **Philosophy of Mind**. Abingdon: Routledge, 2010

LECLERC, André. **Uma Introdução à Filosofia da Mente**. Curitiba: Appris, 2018.

LEIBNIZ, Gottfried W. **Discurso de Metafísica**. Lisboa: Edições 70, 2000.

LOWE, Edward Jonathan. **Subjects of Experience**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MALEBRANCHE, Nicolas. **De la Recherché de la Vérité**. Paris : Charpentier, Libraire-Éditeur, 1842.

RESCORLA, Michael. The Computational Theory of Mind. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, Stanford, Fall 2020 Edition.

RYLE, Gilbert. **The Concept of Mind**. Abingdon: Routledge, 2009.

SEARLE, John. **A Redescoberta da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

30º Encontro Anual de Iniciação Científica
10º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



11 e 12 de novembro de
2021

TURING, Alan Mathison. **Intelligent Machinery**. 1948.